

Simpósio sobre ecumenismo

Jundiaí, janeiro de 2010

Ecumenismo na pastoral
Exigências da realidade sócio eclesial

*Terezinha M. Cruz**

* A autora é assessora da CNBB nos temas catequese e ecumenismo.



O ecumenismo não costuma ser muito rejeitado. O mais frequente é perceber que se trata, para muitos, de território desconhecido. Então sempre acho que se pode aplicar a esse tema o que já dizia Paulo sobre a divulgação do evangelho:

E como crerão naquele que não ouviram? E como ouvirão se ninguém o proclamar? E como o proclamarão se não houver enviados? Assim é que está escrito: Quão bem vindos os pés dos que anunciam boas novas! (Rm 10,14-15)

Por que esse tema?

- Dois grandes desafios: conhecimento da voz da Igreja e pastoral de conjunto

Andando pelo Brasil afora, falo de ecumenismo e percebo com frequência duas reações diferentes, mas que apontam para o mesmo problema:

- Uns dizem: Isso existe mesmo? Que bom! Já não era sem tempo!
- Um grupo bem menor reage assim: Mas isso contraria a verdade! Como um católico pode aceitar “essa gente”?

Em ambos os casos, se percebe um grande desconhecimento do que a Igreja já disse, de muitas maneiras, sobre esse assunto. Nossos muitos e complicados documentos não chegam ao povo católico, como seria desejável.

Mas desconhecer o “sinal verde” para o ecumenismo (ou qualquer outra orientação básica e atualizada da Igreja) é apresentar uma Igreja mutilada, com sua face deformada.

Em alguns casos, há pessoas dizendo, com pleno e sincero entusiasmo, em nome de seu amor à Igreja, coisas que a própria Igreja não aprova. Isso, é claro, não acontece só com o ecumenismo: há muito a corrigir em áreas variadas. Outras vezes, ninguém nega algum aspecto da orientação pastoral da Igreja: simplesmente se “esquece” que aquilo existe. É o que vemos, por exemplo, quando não aparece nem uma única frase sobre ecumenismo em homilias sobre textos que dariam uma boa abertura ao tema. Uma vez, num dia de Todos os Santos, o padre nos lembrou que santos não são só os canonizados, mas dava para incluir aí



nossa mãe, nosso avô e outros. Depois da missa fui à sacristia conversar com ele, elogiando a ampliação do time dos santos e perguntando se ele não incluiria ali gente como Martin Luther King, Gandhi... Ele me disse: Claro! Só não falo nisso porque o povo não está preparado para ouvir. Fiquei pensando: quando estará, se, como adverte Paulo, não houver quem o proclame? Mas uma visão de conjunto da postura da Igreja ajudaria a pôr as coisas no seu devido lugar. É importante ajudar o povo a perceber que não somos ecumênicos “apesar” de sermos católicos, mas exatamente “porque” somos católicos somos ecumênicos. Não é um “risco”, uma “ameaça” à nossa identidade, é algo que faz parte da afirmação dessa identidade e só engrandece a Igreja.

São conhecidas as dimensões da ação pastoral que precisam ser oferecidas ao povo de forma orgânica: comunitária; missionária; bíblico-catequética, litúrgica, de ecumenismo e diálogo interreligioso; sócio-transformadora.

Nenhuma dessas dimensões funciona bem sozinha. A excessiva ênfase em qualquer uma delas, com esquecimento das outras, leva a um esvaziamento, mais cedo ou mais tarde. Foi o que aconteceu, por exemplo, com certos trabalhos da teologia da libertação. É o que acontece com a oração desencarnada, com a catequese que for somente doutrinária, com a homilia que não se relaciona com a vida extra eclesial, com o ecumenismo vivido como um “departamento” que interessa só aos que se empolgam particularmente com ele.

- Ser Igreja é ser também testemunho de diálogo e agente de reconciliação

Quem acreditará em nós se falamos de paz e brigamos, dentro da própria família cristã? A missão de Jesus é basicamente a reconciliação da humanidade com Deus, mas ele mesmo adverte que, antes de chegar com a oferta ao altar, é preciso reconciliar-nos com o irmão (Mt 5,23). Olhando o panorama social, vemos que não precisamos só de reconciliações individuais. Temos que reconciliar um mundo dividido, violento, omisso diante da injustiça e da opressão, com famílias que não se entendem, com estudantes que humilham os colegas, com uma pressão consumista que desvaloriza quem não segue o modelo proposto pelo mercado. Isso ultrapassa o terreno ecumênico propriamente dito. Mas, desenvolvida dentro do mesmo espírito, essa reconciliação ficaria facilitada pelo cultivo de uma dimensão ecumênica de presença transversal em todas as nossas



áreas de trabalho. Afinal, as qualidades necessárias para a vivência de uma espiritualidade ecumênica são as mesmas que nos preparam para o diálogo, a reconciliação, a valorização da paz, o acolhimento, a cooperação que multiplica nossos resultados. Tudo isso nos ajudaria também em outros terrenos, no âmbito pessoal, comunitário e social. Perceber a vantagem, para os agentes da Igreja, de uma formação ecumênica, é algo necessário para vencer barreiras e começar a marcar presença nas atividades pastorais.

A pastoral tem que ter uma visão ampla da grande missão da Igreja. Igreja existe para o mundo, não para si mesma... e o mundo precisa de paz e reconciliação, de cooperação em vez de competição. Iniciar pessoas à vida da Igreja sem essa visão maior é ser infiel à grandeza do projeto cristão e ignorar o que a sociedade precisa receber de nós. A partir do ecumenismo cristão, a pastoral pode educar para o trabalho solidário de todas as pessoas de boa vontade. E isso porque o mais importante, como vemos nas bem-aventuranças e na parábola do juízo final, é transformar a vida, aliviar sofrimentos, vencer o que atrapalha a convivência fraterna.

- Superar o que foi assimilado de maneira errada (por nós e pelos outros)

Antes de semear, prepara-se o terreno. E, neste caso, o terreno está cheio de pedregulhos e ervas daninhas. Todos nós crescemos ouvindo falar do outro de forma negativa. Temos estereótipos e preconceitos de muitos tipos.

Diante disso, a pastoral tem que incluir o diálogo que vem da amizade normal entre pessoas de Igrejas diferentes e precisamos – dos dois lados – ouvir a história de cada um contada por ele mesmo.

Teríamos que superar também a visão exclusivamente negativa da diversidade das Igrejas, a esperança míope de um sonho que confunde unidade com uniformidade. Teríamos que lembrar o que disse João Paulo II, quando foi interrogado sobre esse assunto.

Pergunta: Por que o Espírito Santo teria permitido tantas e tais divisões e inimizades entre aqueles que no entanto se dizem seguidores do mesmo Evangelho, discípulos do mesmo Cristo?



Resposta de João Paulo II: Para essa pergunta podemos achar duas respostas. Uma, mais negativa, vê nas divisões o fruto amargo dos pecados dos cristãos. A outra, pelo contrário, mais positiva, é gerada pela confiança Naquele que tira o bem até mesmo do mal, das fraquezas humanas: por isso, não poderia ser que as divisões tenham sido também um caminho que levou e leva a Igreja a descobrir as múltiplas riquezas contidas no Evangelho de Cristo e na redenção operada por Cristo? Talvez tais riquezas não pudessem vir à luz de maneira diferente. (...) É necessário que o gênero humano alcance a unidade através da pluralidade, que aprenda a reunir-se na única Igreja, mesmo na pluralidade das formas de pensar e de agir, das culturas e civilizações.

(Cruzando o limiar da esperança – Ed. Francisco Alves)

– Mesmo que os outros não façam?

Quando trabalho com a questão do reconhecimento do Batismo, costumam se manifestar aqueles que ficam ofendidos porque, em relação a certas Igrejas, nós reconhecemos a validade do Batismo e elas não retribuem a “gentileza” e rebatizam os que eram nossos. Em situações desse tipo, a conversa com o povo poderia caminhar por duas vertentes:

- a) Quando o outro está errado, a pior coisa que podemos fazer é copiar o erro, deixar que o equívoco alheio nos diminua, nivelando por baixo; não é a outra Igreja que, nesse caso, vai determinar como nós temos que nos comportar.
- b) “*A quem muito foi dado muito será pedido*” – disse Jesus (Lc 12,48). Nossa Igreja é maior, tem uma raiz histórica sólida. Ela não tem desculpa para não fazer o melhor. Nossa responsabilidade é maior do que a daquelas Igrejas menores que apareceram depois. Somos nós que temos que dar o exemplo mais visível, adulto e consistente.

Sabidamente Jesus mandava *caminhar 2 km com quem quer nos forçar a acompanhá-lo por 1 km* (Mt 5,41). Ou seja: a generosidade é o melhor meio de vencer um enfrentamento. Elogiar quando nos censuram é um bom processo de desarmamento do outro, mas não pode ser simplesmente uma estratégia, deve ser parte de uma autêntica espiritualidade.



– E por que faríamos tudo isso?

No trabalho pastoral, é preciso ajudar o povo a perceber que ecumenismo não é uma concessão, uma generosidade dispensável e, muito menos, uma rendição diante do pluralismo. Precisamos ser ecumênicos:

a) Porque o mundo e o evangelho precisam desse trabalho.

A necessidade do ecumenismo, como sinal de diálogo e reconciliação, torna-se um dos chamados “sinais dos tempos”. É também a credibilidade do evangelho que está em jogo (e isso Jesus já havia avisado: *sejam um para que o mundo creia*, Jo 17,21).

b) Porque a divisão enfraquece a todos.

“Dividir para conquistar” é tática que qualquer guerreiro conhece desde o começo das disputas humanas. Energias gastas em “provar que o outro está errado” seriam empregadas com muito mais proveito em outras coisas e até no trabalho em conjunto em áreas em que isso é possível. É uma ilusão achar que “acusar o outro” prepara a comunidade para resistir ao “trânsito religioso”. Pode funcionar até ao contrário, quando alguém descobre que o outro tem valores que lhe foram ocultados.

Para os de fora, o enfrentamento não aparece como zelo pela verdade, mas como conflito de interesses, o que desmoraliza todas as partes envolvidas e a própria mensagem cristã.

c) Porque isso vai exigir uma Igreja melhor com gente mais preparada.

Para ser ecumênico, é preciso conhecer e amar muito a própria Igreja. É necessário também discernir o essencial e o acessório ou contingente. Muita coisa que um católico nem se interessaria muito em saber se torna importante porque ele vai estar em diálogo com alguém que tem outro ponto de vista. Só responde com tranquilidade quem está seguro. Ora, de gente segura na sua identidade de fé a Igreja precisa muito.

– Com quem vamos tratar desse assunto na pastoral?

Cada grupo pode ter necessidades e potencialidades diferentes, mas todos na Igreja podem e devem fazer parte dessa caminhada. Então vamos trabalhar:



a) Com os jovens e crianças

O convívio e a comunicação já existem, na escola, na vizinhança, nos programas de TV. Escolas dominicais podem ter materiais interessantes para a catequese, músicas evangélicas já são usadas por nós (mesmo que alguns desconheçam sua origem). Jovens de Igrejas diferentes podem participar de encontros de corais, atividades ecumênicas sazonais. Mas é muito importante incluir uma postura ecumênica no material catequético, especialmente no que diz respeito ao reconhecimento da validade do batismo.

b) Com as famílias de pertença múltipla

Este é um campo em crescimento, para o qual deveríamos já estar preparando agentes especializados. Já temos “Encontros de Casais de Segunda União”, mas precisaríamos muito ter encontros de casais (ou de famílias) de Igrejas diferentes. Orações, círculos bíblicos, estudos e trabalhos conjuntos têm aí um campo fértil para diálogo e partilha fraterna. Precisamos também organizar esquemas de preparação – do tipo curso de noivos – para casais de casamento misto.

Em Brasília temos um grupo de casais assim, com uma experiência bem positiva, que poderia ajudar na multiplicação desse tipo de iniciativa. Nessa situação é importante ver a situação não como “problema” mas como “missão”. Essas famílias devem ser convidadas a se perceber como “primícias”, amostras antecipadas da unidade que Deus deseja para seu povo.

c) Com os padres que educam e fazem homilias

Dizem que a missa tem que ser “católica” ... e é verdade! Mas se o ecumenismo faz parte do ensinamento e das dimensões pastorais da Igreja, é preciso despertar os padres para as possibilidades de menções ecumênicas na abordagem dos temas e na orientação dos agentes de pastoral. Famílias de pertença mista necessitam de acolhimento, especialmente quando há sacramentos envolvidos.

d) Com as diversas pastorais e movimentos

Há mais semelhanças do que muitas vezes nos damos conta, entre a espiritualidade de certos movimentos e o estilo dos pentecostais clássicos, por exemplo. Às vezes pode ser que essa semelhança até motive uma afirmação de identidade em



confronto (todo mundo sabe que irmãos brigam mais do que primos), como aconteceu por muito tempo entre judeus e cristãos. Mas aos poucos vamos descobrindo possibilidades de diálogo. Outros movimentos, como o Focolare, já nasceram ecumênicos, e podem ajudar a dissipar os receios que muitos têm da proximidade com irmãos de outras Igrejas.

Muitas pastorais sociais já têm experiência ecumênica: pastoral da terra, da criança, do migrante... Tudo que já é feito sem risco de identidade perdida e com respeito à identidade de todos deve ser divulgado para incentivar e tranquilizar outros grupos.

e) Com os catequistas e outros educadores da fé

Sem catequese, nada feito! É aí que cada um começa a conhecer a Igreja. O assunto mais tratado na catequese hoje é Iniciação Cristã. Aí se destaca a necessidade de fazer uma experiência de fé (mais do que simplesmente saber coisas) e sentir-se Igreja. Esse “sentir-se Igreja” precisa se referir à Igreja por inteiro, em todas as suas dimensões. É urgente uma revisão nos manuais e na formação dos catequistas, não só para uma correta inserção do ecumenismo, mas também para uma percepção mais ampla da missão e da identidade da Igreja, que precisa ser testemunhada na vivência concreta da comunidade.

Em 1979, o documento *Catechesi Tradendae* já dizia:

“A catequese terá uma dimensão ecumênica, pois, se ela, sem renunciar a ensinar que a plenitude das verdades reveladas e dos meios de salvação instituídos por Cristo permanece na Igreja Católica, no entanto fizer tal ensino com sincero respeito, em palavras e obras, para com as comunidades eclesiais que não estão em plena comunhão com essa mesma Igreja. Nesse contexto, é sobremaneira importante fazer uma apresentação correta e leal de outras Igrejas e comunidades eclesiais, das quais o Espírito Santo não recusa servir-se como de meios de salvação.” (CT 32)

f) Com as comunidades cristãs mais próximas e dispostas

Tudo deve começar com relações pessoais. Conversar com um amigo é diferente de encarar um estranho. Um gesto de ajuda numa dificuldade, uma partilha de espaço ou de material, uma conversa a partir de uma ação comunitária,



são alguns passos que podem levar a uma parceria ou pelo menos a um desarmamento.

– Como faríamos isso?

O povo católico precisa se sentir seguro, à vontade, em paz com a sua Igreja, quando se envolve em relacionamentos ecumênicos. Para isso precisamos considerar alguns aspectos importantes:

- a) Há necessidade de esclarecer bem o que ecumenismo é, e o que ecumenismo não é (com abertura para o diálogo inter religioso). Sem clareza de conceitos, alguém pode prejudicar o processo, mesmo que tenha as melhores intenções.
- b) Ecumenismo é “dupla jornada de trabalho”, para quem sabe o que está fazendo e tem condições de representar a sua Igreja. Não é boa política deixar de fazer alguma coisa na sua própria Igreja porque estamos ocupados numa tarefa ecumênica. Isso gera má vontade nos que ainda não participam ou têm medo desse tipo de proximidade. Por isso é bom, por exemplo, não marcar encontros ecumênicos para o domingo. Quem trabalha com ecumenismo precisa ter um testemunho transparente de fidelidade à sua Igreja.
- c) São desejáveis tanto a participação conjunta em tudo que for possível, como o cultivo da espiritualidade ecumênica dentro da própria comunidade
Às vezes é possível ter atividades ecumênicas em campanhas, eventos, semanas de oração, celebrações de datas especiais, atendimento a doentes, população em situação de risco, encarcerados e outros. Em alguns locais, isso pode ser difícil por falta de disponibilidade da outra parte. Mas, se queremos ser católicos fiéis à nossa Igreja, sempre é possível, pelo menos, trabalhar uma espiritualidade ecumênica dentro da nossa própria comunidade, preparando corações e mentes para um desejo de diálogo, reconciliação, reconhecimento do valor do outro.
- d) Muita coisa boa nasce de uma leitura ecumênica da Bíblia
Não se estuda a Bíblia para comprar briga, mas católico que não conhece bem a Escritura está despreparado para o diálogo. Em grupo que já se acolhe bem é possível – e muito gratificante – estudar o texto juntos e apresentar as



divergências de interpretação – se houver – tranquilamente, como informação para cada um conhecer melhor o outro e não para provar quem tem razão. Já tive experiência de estudo bíblico ecumênico em que, depois de certo tempo de convívio e confiança mútua, os próprios protestantes pediram para estudar o livro de Judite, que não consta da Bíblia deles, para ‘saber como era’. Mas isso só acontece num clima onde se desenvolveu a confiança mútua.

e) A linguagem deve refletir a espiritualidade ecumênica

Depois de tantos anos de desconhecimento mútuo e enfrentamento, cuidados com a linguagem são indispensáveis. Não se trata de ser hipócrita para agradar o outro, mas de ter delicadeza para não ferir, e alegria de destacar o que já nos une.

g) É preciso divulgar os acordos já feitos, especialmente sobre o reconhecimento do batismo

Com o ecumenismo acontece algo parecido com aquela história dos soldados japoneses que ficaram dois anos escondidos numa caverna para escapar dos soldados americanos, porque ninguém lhes comunicou que a guerra havia acabado. Muita gente continua em espírito de batalha numa guerra que já acabou, porque não lhes foram apresentados os tratados de paz. É parte importante do trabalho pastoral a divulgação do que a Igreja já permite, aceita e manda fazer.

h) Divulgação de materiais e experiências

Além dos óbvios textos das Campanhas da Fraternidade Ecumênicas e das Semanas de Oração, há outros materiais que devem ser conhecidos e divulgados, especialmente a cartilha “Diversidade e Comunhão”, os textos da CNBB sobre ecumenismo, os acordos bi ou multi laterais, artigos de revistas e outros.

– Ação de graças pelo dom de sermos chamados a algo tão importante

Ecumenismo não é só um trabalho, mesmo que como tal seja muito importante; ele é uma fonte de gratificantes experiências, de vários tipos. Nisso encontramos:



– *A alegria de ser parte de um milagre*

A restauração plena e visível da unidade talvez não seja algo que possamos ver durante o tempo de nossa vida terrestre. Só Deus sabe! Mas fico imaginando ver lá do céu a coisa finalmente acontecer e a gente podendo dizer com alegre entusiasmo: – Eu estava lá! Eu ajudei a fazer isso!

Os agentes de pastoral têm que ser formados na consciência de quanto é gratificante ter sido chamado por Deus para algo tão milagrosamente construtivo.

– *Qualidades que nos tornarão melhores de muitas maneiras*

Ecumenismo é tarefa exigente, sem dúvida! Mas, justamente por isso, deve ser acolhida com alegria porque vai nos fazer crescer no conhecimento, nas qualidades necessárias ao diálogo, na visão do mundo e do próprio cristianismo, na fraternidade, na consciência de responsabilidade pela construção solidária da paz. O diálogo ecumênico nos prepara para muitos outros diálogos, importantes para a riqueza das nossas relações humanas.

– *Viver o espírito dos primeiros apóstolos*

A Igreja nascente tinha muita diversidade, porque a comunicação entre comunidades não era tão fácil e ainda não havia códigos e procedimentos disciplinares tão organizados. Mas foi viva e forte para se sentir una dentro das múltiplas comunidades, para reconhecer uns aos outros como irmãos em Cristo e para ser semente de um cristianismo universal.

– *Ganhar “novas janelas” para ver uma bela e inesgotável paisagem*

Penso que João Paulo II tinha razão: o cristianismo é grande e rico demais para ser apreciado a partir de um só ângulo. Se conseguirmos nos alegrar com a diversidade, mais facilmente ela se constituirá numa unidade multifacetada, capaz de mostrar de modo melhor ao mundo a imensa riqueza da proposta evangélica.



Reflexão final:

“A união faz a força” – diz o provérbio. Mas a união também faz tudo o que nos sustenta. A vida e o próprio universo são feitos de forças que interagem, que se combinam, para construir algo maior. Assim também, embora o ecumenismo já seja em si um projeto de união, não queremos que ele seja vivido isoladamente, como um departamento da Igreja. É no conjunto de todas as suas dimensões que a Igreja, ligada às necessidades prementes da nossa sociedade, se torna um chão seguro e bonito para a caminhada humana.

Endereço da Autora:

E-mail: tmldc@uol.com.br